



B3-370 Incentivo às mulheres para o desenvolvimento solidário e agroecológico no Assentamento Rio Bonito, de Cavalcante – GO

Vasconcelos, Winie S.^{1,2}; Saraiva, R.C.F.^{1,3}

1 Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Sustentabilidade (NEPEAS), Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina; 2 winie.vasconcelos@gmail.com ; 3 rcoelly@hotmail.com

Resumo

O Assentamento Rio Bonito localiza-se em Cavalcante – GO, na região da Chapada dos Veadeiros, core do Cerrado. No lugar, um grupo de cerca de 10 mulheres mostrou-se interessado e sensível a se organizar para superar os problemas de exclusão social por uma perspectiva alternativa. Este relato compõe um trabalho de conclusão de curso de Gestão Ambiental. O objetivo foi conhecer a realidade e pensar em soluções agroecológicas e solidárias para os problemas, a partir das especificidades socioambientais locais. De julho de 2011 a novembro de 2013, foram realizadas 14 saídas de campo, que totalizaram em média 42 dias. Através da pesquisa-ação, foram realizadas dinâmicas e oficinas em três eixos temáticos: cooperação para produção de artesanato; a importância dos conhecimentos tradicionais do Cerrado no uso dos remédios do mato e o uso e troca de sementes crioulas. Assim, fortaleceu-se o senso da coletividade e ajuda mútua; valorização e aprendizado sobre sementes crioulas e conhecimentos tradicionais, com a promoção da participação na Feira anual de Sementes e Mudas da Chapada dos Veadeiros; promoveu-se o auto-reconhecimento do grupo e articulação da comunidade com a universidade, que tem dado continuidade às ações através da perspectiva agroecológica.

Palavras chave: Economia Solidária; Agroecologia; Gênero; Reforma Agrária; Chapada dos Veadeiros.

Descrição da experiência

O Assentamento Rio Bonito localiza-se a 40 km da sede do município de Cavalcante, no nordeste de Goiás. Está na microrregião da Chapada dos Veadeiros, no core do Cerrado, área nuclear do bioma onde se encontra a maior densidade da biodiversidade dos Cerrados (SILVA, 1998). Os primeiros contratos dos moradores foram homologados em 2001, mas muitos nasceram na região. São 78 propriedades que individualmente possuem, em média, 47 hectares, distribuídas entre três vertentes, sendo o rio Bonito a principal.

Ao se conhecer o lugar, foi idealizado com um grupo de mulheres um pequeno projeto que teve início em 2011. Ainda que situadas em uma realidade fragilizada pela exclusão extrema, elas possuem um histórico de luta pela sobrevivência e desenvolvimento de alternativas de produção, o que justificou a construção de uma nova iniciativa. O objetivo foi conhecer a realidade e pensar em soluções agroecológicas e solidárias para os problemas, a partir das especificidades socioambientais locais. A economia solidária e a agroecologia direcionaram as ações, uma vez que, juntas, ultrapassam a discussão sobre a “geração de trabalho e renda” ou a “viabilização econômica da agricultura familiar”, ao colocarem em sua agenda uma série de temas que remetem sobre as possibilidades de construção de modos de vida sustentáveis (Schmitt, 2010). Este relato resulta do trabalho de conclusão de curso do autor - bacharel em Gestão Ambiental, com a colaboração da professora orientadora indicada como coautora.



Resultados e Análises

De julho de 2011 a novembro de 2013, foram realizadas 14 saídas de campo, que totalizaram em média 42 dias. Cada atividade contou com a participação de 10 mulheres, em média; duravam um ou dois dias, normalmente, começando às dez horas da manhã e encerrando às quatro da tarde, com apoio de transporte e alimentação para os participantes.

A abordagem de gênero foi transversal em todas as atividades, buscando superar assimetrias identificadas em falas, geralmente de homens, e dar visibilidade ao trabalho das mulheres. No Rio Bonito e, de forma geral, o desconhecimento da especificidade que marca a contribuição das mulheres favorece a subestimação das suas atividades na família e no espaço produtivo, acentuando a ideia da invisibilidade (Rua e Abramovay, 2000). Optou-se por trabalhar com a pesquisa-ação, um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo (Thiollent, 2005). Foram também utilizadas técnicas e ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo (DRP), para a comunidade fazer o seu próprio diagnóstico e, a partir daí, começar a auto-gerenciar o seu planejamento e desenvolvimento (Verdejo, 2006).

A motivação para a formação do grupo de mulheres para este trabalho surgiu na primeira reunião com os moradores, que reuniu cerca de 40 moradores para se estudar soluções possíveis aos problemas e em visita a uma agricultora, que relatou a história de um antigo grupo de artesanato com as amigas, que se desfez. “É bom na hora que está com a turma, fica tudo animado, mas quando fica uma só, desanima”, contou Alvina Pereira Lopes. As atividades coordenadas seguiram três eixos, a partir das demandas locais e soluções estudadas: 1 - Cooperação para a produção de artesanato; 2 - Conhecimentos tradicionais do Cerrado; 3 - Uso e trocas de sementes crioulas.

Com a constatação da necessidade de se aprimorar e desenvolver técnicas produtivas de artesanato a partir do potencial local foram sistematizadas as ações de incentivo a retomada do grupo de mulheres que outrora trabalhou junto. Elas passaram a se encontrar para ensinar e aprender técnicas artesanais, especialmente de produção de bolsa de palha de milho.

Foram realizadas parcerias com duas artesãs que foram no Assentamento ministrar oficinas em dois finais de semana. São elas a Fatinha Olhos D'água, de Olhos D'água de Goiás, especialista em arte sacra com palha de milho e fibras naturais, e Léo Stingen, arte-educadora de Curitiba (PR), que trabalha com reciclagem na confecção de bolsas, brinquedos e objetos variados. As artesãs compartilharam também suas experiências sobre a importância do trabalho coletivo, ajuda-mútua e comércio.

Os “remédios do mato” são muito utilizados em Rio Bonito, e as mulheres são as protagonistas na coleta e preparo dos chás e remédios. A dificuldade em acessar o serviço público de saúde eleva a importância desse conhecimento e prática. “O posto de saúde é no Cerrado”, afirmou uma moradora. As ações em torno dessa temática surgiram com a demanda das mulheres para a manipulação dos remédios, e para se demonstrar o valor cultural, social e ambiental da prática.

Foram trabalhados elementos das memórias sobre o uso medicinal do Cerrado, o conhecimento das parteiras e raizeiras. A “garrafada pra inflamação”, é um dos remédios utilizados - consiste em um composto de “barbatimão, cabelo de nego, jatobá, caju do cerrado, pé de perdiz, bureré, douradinha, carobinha e sangue de cristo”. “A mulher ia arrancar o útero. Bebeu três garrafas e foi no médico, estava sã”, contou uma participante.



Para promover a valorização destes conhecimentos, foi promovida uma visita à casa e farmácia natural de Dona Flor, *raizeira* e parteira bastante conhecida na região e também no universo acadêmico, no povoado de Moinho, a 100 km de Rio Bonito.

A maioria das sementes cultivadas no lugar são crioulas, estão há gerações com as famílias, e são fundamentais para a segurança e soberania alimentar e para o trabalho da mulher em toda sua amplitude. Foram realizadas dinâmicas para destacar a importância das sementes e introdução do conceito de semente crioula. O desfecho da pesquisa apresenta forte relação com as sementes. O Assentamento Rio Bonito participou da 3ª Edição da Feira de Sementes e Mudas da Chapada dos Veadeiros, em Alto Paraíso – GO, em novembro de 2013. Levou diversas variedades de feijão (*mamoninha, chapadeiro, roxo, jalo, preto, branco*), arroz (*agulhinha, beira campo*), milho (*sabugo fino, grão grande*) e amendoim (branco, vermelho, preto). Duas mulheres e um homem se responsabilizaram pelas sementes e pelos produtos.

A pesquisa-ação com as mulheres revelou um universo específico de organização social e produtiva que está alinhado com os princípios da economia solidária e agroecológica. É nítida uma nova sensibilidade para o desenvolvimento local solidário e agroecológico, com a valorização dos conhecimentos e práticas tradicionais, que são parte da identidade das mulheres. A partir desse pequeno projeto, foi fortalecido o senso de coletividade e ajuda mútua das mulheres e promovido o auto-reconhecimento do grupo e articulação da comunidade com a universidade. Hoje, são participantes da Feira de Sementes e Mudas da Chapada dos Veadeiros, anualmente, e em 2014, uma moradora ganhou o prêmio de guardiã das sementes no IV Seminário de Agroecologia do DF e Entorno. Este foi um pequeno projeto que ilustra o potencial de comunidades rurais e universidades evoluírem juntos, na construção de uma extensão rural agroecológica, atenta às especificidades locais, por meio de novas parcerias e articulações.

Agradecimentos

Ao Instituto Sociedade, População e Natureza, que forneceu apoio financeiro ao Projeto, por meio do FLORELOS: Projeto Elos Ecosociais entre as Florestas Brasileiras. Às artesãs que realizaram as oficinas no Assentamento, Fatinha Olhos D'Água e Léo Stingham. À UnB Cerrados, pela parceria na participação do Rio Bonito na Feira de Sementes e Mudas de Alto Paraíso.

Referencias bibliográficas

- RUA, Maria das Graças & ABRAMOVAY, Mirian - Companheiras de luta ou “coordenadoras de panela”? As relações de gênero nos assentamentos rurais. UNESCO, Brasília, p.30, 2000.
- SCHMITT, Claudia Job . Economia Solidária e Agroecologia: convergências e desafios na construção de modos de vida sustentáveis. Mercado de Trabalho (Rio de Janeiro. 1996), v. 42, p. 56, 2010.
- SILVA, C. Chapada dos Veadeiros: Uma utopia em construção ou um novo discurso para velhas práticas?. In: Tristes Cerrados. Sociedade e biodiversidade. Editora Paralelo 15, Brasília, p. 191 – 221, 1998.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, p. 16, 2005.
- VERDEJO, M.; Diagnóstico Rural Participativo - Um guia prático. Secretaria da Agricultura Familiar – MDA, Brasília, p.6 , 2006.